

EXAME FINAL NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Prova Escrita de Literatura Portuguesa

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho

Prova 734/1.ª Fase

7 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2016

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Apresente as suas respostas de forma legível.

Ao responder, diferencie corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nos termos da lei em vigor, as provas de avaliação externa são obras protegidas pelo Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. A sua divulgação não suprime os direitos previstos na lei. Assim, é proibida a utilização destas provas, além do determinado na lei ou do permitido pelo IAVE, I.P., sendo expressamente vedada a sua exploração comercial.

GRUPO I

Leia o seguinte excerto, transcrito da farsa de Gil Vicente intitulada *Inês Pereira*. Se necessário, consulte as notas.

O Escudeiro, vendo cantar a Inês Pereira, mui agastado lhe diz:

	Vós cantais, Inês Pereira, em bodas me andáveis vós? Juro ao corpo de Deos que esta seja a derradeira. Se vos eu vejo cantar eu vos farei assoviar.	v. 5
INÊS PEREIRA	Bofé, senhor meu marido, se vós disse sois servido bem o posso eu escusar.	
ESCUDEIRO	Mas é bem que o escuseis e outras cousas que não digo.	v. 10
INÊS PEREIRA ESCUDEIRO	Por que bradais vós comigo? Será bem que vos caleis. E mais sereis avisada que não me respondais nada em que ponha fogo a tudo, porque o homem sesudo traz a mulher sopeada.	v. 15
	Vós não haveis de falar com homem nem molher que seja, nem somente ir à igreja nam vos quero eu leixar. Já vos preguei as janelas por que vos não ponhais nelas, estareis aqui encerrada nesta casa tam fechada como freira d'Oudivelas.	v. 20 v. 25
INÊS PEREIRA	Que pecado foi o meu? Por que me dais tal prisão?	
ESCUDEIRO	Vós buscais discrição, que culpa vos tenho eu? Pode ser maior aviso, maior discrição e siso que guardar eu meu tisouro? Nam sois vós, molher, meu ouro? Que mal faço em guardar isso?	v. 30 v. 35

	Vós não haveis de mandar em casa somente um pelo; se eu disser «isto é novelo» havei-lo de confirmar.	v. 40
	E mais quando eu vier de fora haveis de tremer; e cousa que vós digais nam vos há de valer mais que aquilo que eu quiser.	v. 45
Moço	Moço, às partes dalém me vou fazer cavaleiro. Se vós tivésseis dinheiro nam seria senam bem.	
ESCUDEIRO	Tu há de ficar aqui. Olha, por amor de mi, o que faz tua senhora; fechá-la-ás sempre de fora. Vós lavrai, ficai per i.	v. 50

As Obras de Gil Vicente, edição de José Camões, vol. II, Lisboa, Centro de Estudos de Teatro da FLUL, IN-CM, 2002, pp. 583-585 (texto com pontuação revista)

NOTAS

avisada (verso 14) – ajuizada.
aviso (verso 32) – sensatez.
bodas (verso 2) – festas de casamento.
discrição (verso 30) – inteligência; sensatez.
em que (verso 16) – ainda que.
escusar (verso 9) – evitar.
lavrai (verso 54) – bordai; tecei.
sesudo (verso 17) – sisudo; sério.
sopeada (verso 18) – subjugada.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Explique a reação do Escudeiro perante o facto de Inês Pereira cantar.
2. Refira como deve proceder a mulher de um «homem sesudo» (verso 17), no entendimento do Escudeiro.
3. Interprete os versos seguintes: «Nam sois vós, molher, meu ouro? / Que mal faço em guardar isso?» (versos 35 e 36).
4. Analise o sentido das falas de Inês Pereira, evidenciando o modo como a personagem vai tomando consciência da sua situação.

GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

[...] José Matias, ao regressar da praia da Ericeira em outubro, no outono, avistou Elisa Miranda, uma noite, no terraço, à luz da lua! O meu amigo nunca contemplou aquele precioso tipo de encanto lamartiniano. Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandós ondedados. Uma carnação de camélia
5 muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas... Ah! meu amigo, até eu, que já então laboriosamente anotava Hegel, depois de a encontrar numa tarde de chuva esperando a carruagem à porta do Seixas, a adorei durante três exaltados dias, e lhe rimei um soneto! Não sei se o José Matias lhe dedicou sonetos. Mas todos nós, seus amigos, percebemos logo o forte, profundo, absoluto amor que concebera, desde a noite de outono, à
10 luz da lua, aquele coração, que em Coimbra considerávamos de *esquilo*.

Bem compreende que homem tão comedido e quieto não se exalou em suspiros públicos. Já no tempo, porém, de Aristóteles se afirmava que amor e fumo não se escondem; e do nosso cerrado José Matias o amor começou logo a escapar, como o fumo leve através das fendas invisíveis de uma casa fechada que arde terrivelmente. Bem me recordo de uma
15 tarde que o visitei em Arroios, depois de voltar do Alentejo. Era um domingo de julho. Ele ia jantar com uma tia-avó, uma D. Mafalda Noronha, que vivia em Benfica, na Quinta dos Cedros, onde habitualmente jantavam também aos domingos o Matos Miranda e a divina Elisa. Creio mesmo que só nessa casa ela e o José Matias se encontravam, sobretudo com as facilidades que oferecem pensativas alamedas e retiros de sombra. As janelas do quarto
20 do José Matias abriam sobre o seu jardim e sobre o jardim dos Mirandas; e, quando entrei, ele ainda se vestia, lentamente. Nunca admirei, meu amigo, face humana aureolada por felicidade mais segura e serena! Sorria iluminadamente quando me abraçou, com um sorriso que vinha das profundidades da alma iluminada; sorria ainda deliciadamente enquanto eu lhe contei todos os meus desgostos no Alentejo; sorriu depois extaticamente, aludindo ao calor e
25 enrolando um cigarro distraído; e sorriu sempre, enlevado, a escolher na gaveta da cómoda, com escrúpulo religioso, uma gravata de seda branca. E a cada momento irresistivelmente, por um hábito já tão inconsciente como o pestanejar, os seus olhos risonhos, calmamente enternecidos, se voltavam para as vidraças fechadas... De sorte que, acompanhando aquele raio ditoso, logo descobri, no terraço da Casa da Parreira, a divina Elisa, vestida de claro,
30 com um chapéu branco, passeando preguiçosamente, calçando pensativamente as luvas, e espreitando também as janelas do meu amigo, que um lampejo oblíquo de sol ofuscava de manchas de ouro. O José Matias no entanto conversava, antes murmurava, através do sorriso perene, coisas afáveis e dispersas. [...] E depois de enfiar a sobrecasaca, de lhe espetar uma soberba rosa, foi com inefável emoção, sem reter um delicioso suspiro, que abriu
35 largamente, solenemente, as vidraças! [...] Eu permaneci discretamente enterrado no sofá. E, meu caro amigo, acredite! invejei aquele homem à janela, imóvel, hirto na sua adoração sublime, com os olhos e a alma e todo o ser cravados no terraço, na branca mulher calçando as luvas claras, e tão indiferente ao Mundo como se o Mundo fosse apenas o ladrilho que ela pisava e cobria com os pés!

40 E este enlevo, meu amigo, durou dez anos, assim esplêndido, puro, distante e imaterial!

Eça de Queiroz, «José Matias», *Contos*, edição de Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, Dom Quixote, 1989, pp. 125-128

NOTAS

Aristóteles (linha 12) – filósofo grego.

aureolada (linha 21) – iluminada.

Casa da Parreira (linha 29) – palacete habitado por Elisa e Matos Miranda.

enlevado (linha 25) – encantado; extasiado.

extaticamente (linha 24) – extasiadamente.

Hegel (linha 6) – filósofo alemão.

inefável (linha 34) – indizível; que não se pode exprimir por palavras.

lamartiniano (linha 3) – relativo a Alphonse de Lamartine, poeta romântico francês.

se exalou (linha 11) – deu livre expansão; se manifestou.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. O narrador refere-se à personagem feminina como «divina Elisa» (linhas 17-18 e 29).

Identifique, com base no primeiro parágrafo, os traços que contribuem para essa caracterização.

2. Descreva a relação que se estabelece entre José Matias e Elisa Miranda.

3. Refira dois dos efeitos expressivos resultantes da seguinte sequência de advérbios: «iluminadamente», «deliciadamente» e «extaticamente» (linhas 22 a 24).

4. Nas linhas 36 a 40, o narrador interpela o «amigo» a quem conta a história de José Matias.

Analise a importância dessa passagem para a compreensão global do texto, apresentando dois argumentos.

GRUPO III

A figura feminina é representada de formas distintas na poesia lírica galego-portuguesa.

Considerando a sua experiência de leitura, refira as principais características da «senhor» nas cantigas de amor, e da donzela, da mãe e das amigas nas cantigas de amigo.

Redija um texto bem estruturado, de cento e cinquenta a duzentas e cinquenta palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2016/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES

Grupo	Item				Cotação (em pontos)
	1.	2.	3.	4.	
I	20	20	20	20	80
	1.	2.	3.	4.	
II	20	20	20	20	80
	1.	2.	3.	4.	
III	Item único				40
TOTAL					200

Prova 734

1.^a Fase